



INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARIA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Maria do Carmo de Santana

Paper 2 – Florianópolis 09 de julho de 2021.

A ANÁLISE JUNGUIANA, O ATO CONFSSIONAL E SUAS CONVERGÊNCIAS

“O interesse principal do meu trabalho”, escreve Jung, “não está relacionado com o tratamento das neuroses e, sim, com a abordagem do numinoso (FRANZ, 1915/2011, p.199), em seu livro “Psicoterapia”.

Confessais os vossos pecados uns aos outros,
e orai uns pelos outros para serdes curados.
(Bíblia Sagrada, Epístola de São Tiago, 5.16)

Pretendemos com este trabalho fazer uma reflexão sobre o tema “Confissão”, prática religiosa do Cristianismo, e a primeira fase da análise Junguiana, que Jung a denominou de confissão. Esta reflexão busca relacionar o que há em comum entre essas duas práticas que possibilitam aliviar o indivíduo de seus sofrimentos psíquicos, isto é, a dor da alma.

Tal relação será norteadas a partir das concepções em epígrafe, isto é, pensar o homem em sua totalidade. Conforme Jung (OC 8/2 § 261), “a alma é o ponto de partida de todas as experiências humanas, e todos os conhecimentos que adquirimos

acabam por levar a ela”, portanto, não podemos prescindir de suas peculiaridades quando pensamos o homem em sua total dimensão.

Para Jung (OC 7/1 § 195), “a falta de solidariedade e acolhimento com os conteúdos do inconsciente significa ausência de instinto, ausência de raízes”. Esse distanciamento de nossas raízes nos coloca numa condição de desamparo, de desconexão e falta de sentido na vida. É quando nos sentimos perdidos numa selva, sem bússola para nortear o caminho, tendo que enfrentar muitos monstros, e as forças já estão esgotadas. Assim, acabamos de vencer a jornada do herói, superamos muitas limitações, mas ainda não alcançamos uma paz. Mas, afinal, onde reside essa paz tão almejada? Talvez seja este o grande propósito de nossa existência. E como encontrá-la?

Iniciamos nossa reflexão com a fala de Jung, a qual a dor é a expressão da alma, e um dos meios de expressão da alma é através da confissão na religião cristã. O Cristianismo, atualmente, é uma das três maiores religiões do mundo, fundamentada na história de Jesus, no novo testamento. Uma das práticas da Igreja Católica é o sacramento da confissão, que tem como finalidade o perdão dos pecados e, conseqüentemente, a religação com Deus. Isto é confirmado por Jung (OC 11/1 § 6), quando escreve que “Religião é – Como diz o vocábulo latino *religere* – uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário”.

O sacramento da confissão faz parte do mito cristão expresso na Bíblia Sagrada, conforme o capítulo *Epístola de São Tiago* (2002 [1957], p.1542), “confessais os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados”.

Há, portanto, uma estreita conexão entre a prática da confissão e a saúde da alma confirmado por Jung (OC 16/1 § 132), em que o autor explica que o “segredo e contenção são danos, aos quais a natureza reage, finalmente, por meio da doença”. Santo Agostinho, um dos ícones do Cristianismo, nos dá, como exemplo, a sua própria história de vida, ao mostrar o quanto seu sofrimento foi amenizado quando volta seu olhar para sua alma e busca, nas profundezas de sua psique, compreender os mistérios que podem lhe devolver a paz. No contexto cristão em que Santo Agostinho viveu, a confissão ia além de contar os pecados. Ela tinha também o propósito de exaltação de Deus. O fiel que exalta a divindade reconhece sua pequenez e, com este

ato de humildade, se curva para o poder supremo, num ato de fé e aceitação da proteção divina. Santo Agostinho, em *Confissões*, esclarece esta ideia no capítulo “O fruto das confissões”:

E tu, Senhor, que te alegras com a fragrância de teu santo templo, tem piedade de mim, segundo tua grande misericórdia por causa de teu nome, e tu, que jamais abandonas uma obra começada, aperfeiçoa em mim o que há de incompleto. Este poderá ser fruto de minhas confissões, não do que fui, mas do que sou. (SANTO AGOSTINHO, 2007, p. 93)

O autor reconhece a sua imperfeição e roga a Deus que o complete. Esta passagem de Santo Agostinho nos mostra um exemplo de um herói que permite a exposição da persona em detrimento da escuta do *Self* que, sob tal pressão, ele se curva após sua longa jornada. Inicialmente, ele buscava sua autorrealização através dos princípios da razão, porém, sua conversão se faz pelo sentimento e, assim, descobre que o que buscava fora, na verdade, estava dentro de si, ou seja, a sua subjetividade.

Jung (2006), desde muito cedo, viveu também suas questões contraditórias entre a consciência e o inconsciente. Sua capacidade egóica, no meio da vida, já não dava conta de seus conflitos internos. Neste momento de crise, ele procura mergulhar nas águas profundas de seu inconsciente em busca de fazer contato com conteúdos psíquicos, até então desconhecidos.

Mesmo quando o ego tenha se realizado em suas conquistas materiais e que a jornada do herói tenha sido de muitas vitórias e méritos, há uma dimensão psíquica da qual não podemos nos distanciar, sem correr o risco da “perda da alma”. Isto fica evidente no desabafo de Jung, em outubro de 1913, quando teve a visão do dilúvio, por volta de seus 40 anos. Assim, ele descreve sua vivência, no *Livro Vermelho* (JUNG, 2015, p. 116), “minha alma onde estás? Tu me escutas? Eu falo e clamo a ti - estás aqui? aqui? [...] após muitos anos de longa peregrinação voltei novamente a ti”. Neste clamor, há uma revelação de o quanto sentia saudades de sua alma e que todas as conquistas do ego não foram suficientes para sentir sua plenitude.

Nas obras de Jung, pode-se perceber o quanto este autor buscava desvendar os mistérios da espiritualidade, para compreender seus fenômenos psíquicos. Os seus pensamentos foram o seu primeiro objeto de observação que lhe inspirou posteriores pesquisas em autores que lhe antecederam, para confirmar suas

descobertas intuitivas. A partir disso, ampliou sua visão e incluiu em suas percepções analíticas mais um objeto de estudo: a alma.

Esta visão mais ampliada sobre o psiquismo humano o levou a criar métodos terapêuticos diferenciados dos habituais, o que resultou numa psicologia anímica.

Jung (1984) vê a totalidade em seus pacientes, transcendendo a prática da medicina tradicional que fragmenta a visão de homem no tratamento de suas enfermidades. Ele considera o homem sendo constituído de corpo, alma, e espírito, portanto, inclui em sua prática de consultório, além dos conflitos de ordem emocional, as questões relacionadas com a espiritualidade, a religião e a cultura. Neste contexto, Jung (OC 16/1 § 21), relata que, “quando trato de católicos praticantes, sempre recomendo a confissão e os sacramentos da igreja”. Sendo assim, fica evidente a importância de incluir na análise junguiana possíveis conflitos religiosos, para ampliar a assimilação da sombra quando esta ultrapassa seu próprio limite.

Na vida cotidiana, para cumprir as atividades que lhe são atribuídas, o indivíduo precisa, muitas vezes, da persona para dar conta dos papéis sociais a ele determinados. Em contrapartida, muitos conteúdos precisam ser ocultados na sombra: nossos pecados, o que nos remete à explicação de Jung (2015), em seu livro *Sobre sentimentos e a sombra*, em que “a sombra é um *arquétipo* e ela age tomando-nos, apoderando-se de nós” (JUNG, 2015, p. 62). Esta ideia nos mostra que muitas vezes somos atraídos por certas atitudes que nos causam arrependimentos posteriores. Isto acontece quando não estamos conscientes de nossos conteúdos inferiores.

A confissão, portanto, é uma prática recomendada aos cristãos pela Igreja Católica para reparar seus pecados e para recuperar a condição digna de filhos de Deus. Na Bíblia Sagrada, em Ato dos Apóstolos, capítulo 3 e versículo 19, está escrito “arrependei-vos, portanto, e convertei-vos, para serem apagados os vossos pecados”. Nesse sentido, o próprio mito cristão, reconhecendo a impossibilidade de um alcance da perfeição, concede a nós o direito à absolvição dos pecados.

Ao referir-se ao processo da psicoterapia, Jung (OC 16/1 § 123) considera quatro etapas importantes: “a confissão, o esclarecimento, a educação e a transformação”. Assim sendo, na prática analítica, Jung também levava em conta a confissão como um requisito importante para o processo de cura da alma, seu principal objeto de análise. Este autor também esclarece que alguns pacientes se sentem satisfeitos apenas com a confissão, a qual é apenas a porta de entrada para

o processo analítico. Desse modo, para que o processo de análise se desenvolva, é preciso seguir as próximas fases, mas, nem todos continuam o processo analítico, uma vez que este propõe um profundo mergulho nos conteúdos internos para o qual alguns ainda não estão preparados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No diálogo em questão, sendo a “alma o ponto de partida de todas as experiências humanas” (JUNG, OC 8/2 § 261), podemos compreender que é por ela que perpassa nossos conflitos e sofrimentos. Tanto a religião quanto a psicologia enfatizam a importância de reconectar o homem às suas raízes primitivas. Portanto, a religião, no sentido de *religere*, é de interesse da psicologia, por caracterizar-se como uma das expressões mais antigas e universais da mente humana.

A confissão, recomendada pela Igreja Católica, tem por finalidade libertar o homem de suas culpas, enquanto, na análise junguiana, em sua primeira etapa, busca-se a revelação dos segredos e contenções, pois seus ocultamentos podem gerar doenças.

Há, portanto, um ponto de convergência entre a primeira fase da análise junguiana e o ato confessional da Igreja Católica. Em ambos os casos, a relevância da finalidade recai sobre a religação, ou seja, o *religere* com a totalidade psíquica, cuja estrutura contém o bem e o mal, que geram o drama interior e suas consequências na psique consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Digitação: Lucia Maria Csernik, 2007. Disponível em: <https://img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf>. Acesso em 09 de julho de 2021.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 146ª edição. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002 [1957].

GÓES, Andréa Beatriz Hack de. **O mito cristão na literatura**: olhares sobre Jesus em romances brasileiros. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10577> > Acesso em 07 de julho de 2021.

HOLLIS, J. **Rastreado os Deuses: o lugar do mito na vida moderna.** São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

JUNG, C.G. **A Dinâmica do Inconsciente.** Vol. VIII das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

JUNG, C.G. **A Prática da Psicoterapia.** Vol. XVI das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

JUNG, C.G. **Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade.** Vol. XI/2 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

JUNG, C.G. **Psicologia e Religião.** Vol. XI/1 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

JUNG, C.G. **Psicologia do Inconsciente.** Vol. VII/1 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

FRANZ. **Psicoterapia.** São Paulo: Ed. Paulus, 1915/2011.

WINTERTHUR/C.G. JUNG. **Sobre Sentimentos e a Sombra.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.